

V. 06, N.27 Jan./Jun. 2025

O JARDIM DO ÉDEN: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO EM O TEMPLO E A MISSÃO DA IGREJA, DE G. K. BEALE

THE GARDEN OF EDEN: A CONTENT ANALYSIS OF THE TEMPLE AND THE MISSION OF THE CHURCH, BY G. K. BEALE

1

EL JARDÍN DEL EDÉN: UM ANÁLISIS DEL CONTENIDO DEL TEMPLO Y LA MISIÓN DE LA IGLESIA, POR G. K. BEALE

Lázara Divina Coêlho

Faculdade Assembleiana do Brasil

ORCID – <https://orcid.org/0009-0002-9253-2647>

Resumo: Este artigo analisa o tema jardim do Éden em *O templo e a missão da igreja*, de G. K. Beale, na perspectiva da teologia bíblica entendida como aquele ramo da teologia ocupado com o processo da autorrevelação de Deus conforme registrado na Bíblia. Justifica a seleção do tema em obra única com a teoria da recepção, de Hans Robert Jauss, para quem há uma intrínseca relação entre a literatura e o leitor em sua receptividade de forma que a recepção do texto justifica sua qualidade e importância; quanto à análise de conteúdo, utiliza o método de Laurence Bardin, para quem o discurso tem um sentido escondido a ser desvendado e as categorias procedimentais de Geerhardus Vos, para quem a autorrevelação é uma atividade exclusivamente divina. Apresenta os resultados da pesquisa em três pontos: o autor do texto em sua formação e relação com o objeto de estudo, a temática da pesquisa em suas publicações do autor e a perspectiva interpretativa do objeto de estudo. Demonstra, na análise de conteúdo, na perspectiva interpretativa de Beale, que seu texto se enquadra nos quatro procedimentos metodológicos da teologia bíblica encontrados ao longo da revelação bíblica sobre o jardim do Éden: a progressividade histórica do processo de revelação, a incorporação da revelação na história, a natureza orgânica do processo histórico visível na revelação e a adaptabilidade prática da autorrevelação de Deus aos homens.

Palavras-chave: Jardim do Éden. Beale. Teologia bíblica.

Abstract: This article analyzes the theme of the Garden of Eden in *The Temple and the Mission of the Church*, by G. K. Beale, from the perspective of biblical theology understood as that branch of theology that deals with the process of self-revelation of God recorded in the Bible. Justifies the selection of the theme in a single work with

the theory of reception, by Hans Robert Jauss, so that there is an intrinsic relationship between literature and the reader in its receptivity so that the reception of the text justifies its quality and importance; When it comes to content analysis, it uses the method of Laurence Bardin, so that the discourse has a hidden meaning that must be revealed, and the procedural categories of Geerhardus Vos, so that self-revelation is an exclusively divine activity. It presents the results of the investigation in three points: the author of the text in its formation and relationship with the object of study, the theme of the investigation in the publications of the author and the interpretative perspective of the object of study. It demonstrates, in content analysis, from Beale's interpretative perspective, that his text fits into four methodological procedures of biblical theology that are found along the length of biblical revelation about the garden of Eden: the historical progress of the process of revelation, the incorporation of revelation into history, organic nature of the historical process visible in the revelation and practical adaptability of the self-revelation of God to men.

Keywords: Garden of Eden. Beale. Biblical theology.

Resumen: Este artículo analiza el tema del Jardín del Edén en El templo y la misión de la Iglesia, de G. K. Beale, desde la perspectiva de la teología bíblica entendida como aquella rama de la teología que se ocupa del proceso de autorrevelación de Dios registrado en la Biblia. Justifica la selección del tema en una sola obra con la teoría de la recepción, de Hans Robert Jauss, para quien existe una relación intrínseca entre la literatura y el lector en su receptividad de modo que la recepción del texto justifica su calidad e importancia; En cuanto al análisis de contenido, utiliza el método de Laurence Bardin, para quien el discurso tiene un significado oculto que debe ser revelado, y las categorías procedimentales de Geerhardus Vos, para quien la autorrevelación es una actividad exclusivamente divina. Presenta los resultados de la investigación en tres puntos: el autor del texto en su formación y relación con el objeto de estudio, la temática de la investigación en las publicaciones del autor y la perspectiva interpretativa del objeto de estudio. Demuestra, en el análisis de contenido, desde la perspectiva interpretativa de Beale, que su texto encaja en los cuatro procedimientos metodológicos de la teología bíblica que se encuentran a lo largo de la revelación bíblica sobre el jardín del Edén: la progresividad histórica del proceso de revelación, la incorporación de la revelación a la historia, la naturaleza orgánica del proceso histórico visible en la revelación y la adaptabilidad práctica de la autorrevelación de Dios a los hombres.

Palabras clave: jardín del Edén. Beale. Teología bíblica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Todos nós ansiamos [pelo Éden] e estamos constantemente tendo vislumbres dele: toda a nossa natureza em sua forma melhor e menos corrompida, mais gentil e mais humana, ainda está embebida por uma sensação de 'exílio'. (John Ronald Reuel Tolkien)

Este artigo¹ analisa o tema² jardim do Éden no livro *O templo e a missão da igreja: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus*, de G. K. Beale (1949 –), um dos mais importantes eruditos da teologia bíblica em atividade. Pretende demonstrar como esse texto, enquanto potencial teológico em emergir das páginas escriturísticas o tema, trata o jardim do Éden na perspectiva interpretativa da revelação bíblica.

Esse jardim tem sido apresentado, ao longo da história cristã, como um lugar de vida, de interrelação vital entre Deus e o homem, entre o homem e a mulher, entre os seres humanos; o lugar plantado por Deus, onde o homem foi posto, onde recebeu do Criador orientações de uso, de onde influenciaria a criação sobre a qual deveria dominar; enfim, um lugar onde não haveria morte (Campos, 2022; 2012; Hoekema, 2018). Em outras palavras, “um local amplo e específico para o homem e a mulher habitarem e do qual procederia a influência de seu serviço como vice-[regentes]” (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 94).

Esse paraíso é também o lugar onde o homem, pela desobediência ao Criador, rompeu a relação organicamente estabelecida e disponível com Deus, consigo mesmo e com seu semelhante, abrindo as portas para a morte; um paraíso que a humanidade perdeu, pelo qual agora anseia,³ tem

¹ Este artigo é produto do Projeto de Pesquisa e Extensão em Meio Ambiente da Faculdade Assembleiana do Brasil, desenvolvido em 2024, no âmbito dos cursos de Direito, Psicologia e Teologia da IES.

² Entendido aqui como “Uma afirmação acerca de um assunto [...], a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin, 1977, p. 105).

³ Tolkien (2000, p. 110, tradução própria) diagnostica as raízes desse anseio: “Todos nós ansiamos [pelo Éden] e estamos constantemente tendo vislumbres dele: toda a nossa

saudade⁴ e que busca através da fé no Filho de Deus que, por meio da obediência, promete a eternidade com o Criador em um “novo céu e nova terra”, “a cidade santa, a nova Jerusalém” (Campos, 2011; 2012; Hoekema, 2018; Van Groningen, 2002, v. 1).

A seleção temática em uma única publicação parte da teoria da recepção⁵, de Hans Robert Jauss (1994; cf. Figurelli, 1988), que privilegia o lugar do leitor na qualificação do texto e admite hermenêuticas regionais, como a teológica. O livro de Beale (2021), ainda que neste trabalho tenha sua literariedade vista em sentido lato, tem recepção por parte da crítica especializada e, particularmente, do mundo da teologia nos campos da teologia da criação e teologia da missão⁶; e mais: traz ampla pesquisa bíblica, cultural e religiosa para embasar a tese e leva o leitor a ver o significado do Éden de uma perspectiva um pouco diferenciada da exposta.

Quanto à análise do tema no texto de Beale (2021), faz-se a partir de Laurence Bardin (1977, p. 14),⁷ considerando-se que, por traz do discurso

natureza em sua forma melhor e menos corrompida, mais gentil e mais humana ainda está embebida por uma sensação de ‘exílio’”.

⁴ Garmatz (2020, local. Recanto das Letras) faz um retexto da história do Éden (Gn 2-3) – dos dias com Deus e do futuro sem Deus –, com foco na saudade, e conclui: “Adão [...] olha para o sol que está se pondo, fecha os olhos e se lembra da voz que lhe chamava no Jardim: ‘Adão! Adão! Amigo!’. A voz parece tão viva dentro de suas lembranças que ele não abre os olhos, aguarda mais um tempo, esperando ouvir mais uma vez a voz do seu amigo. No entanto, a voz não é ouvida, Deus não o chama pelo nome. [...] : ‘Ah, meu amigo... que saudade! Que saudade!’”

⁵ Segundo essa teoria, conhecida como estética da recepção, importa bastante a relação entre a literatura e o leitor em sua receptividade, dando à peça textual específica, individual, importância em si mesma e, dessa forma, um lugar ao tema ali desenvolvido pelo autor.

⁶ Ver as resenhas de Oliveir D. Crisp, prof. da Universidade de Notre Dame e de Spencer Robinson, teólogo com mestrado em Estudos Teológicos e blogueiro dedicado à crítica acadêmica de livros teológicos; série de bons textos avaliativos no setor de avaliação de produtos (Product Reviews) do site Christian Book. Esses textos, por certo, contribuirão com o leitor para uma melhor exploração do texto em questão de Beale.

⁷ Para Bardin (1977, p. 42), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativamente ou não) que

aparente do autor, “esconde-se um sentido que convém desvendar.” As categorias de análise do texto, para isso, vêm de Geerhardus Vos (2010, p. 16-20), teólogo bíblico que expressou claramente a perspectiva interpretativa⁸ dos autores bíblicos identificando e concedendo um tratamento arquetípico na *teologia bíblica* (Stranger, 2003).

Em outras palavras, o tema do artigo é examinado, em perspectiva hermenêutica, à luz do conceito teológico e metodológico da autorrevelação de Deus em seus principais aspectos, conforme identificado e proposto por Vos (2010, p. 16), para quem a revelação se desdobrou de forma gradual, isto é, “ao longo de uma série de atos sucessivos.”

Quanto à versão bíblica utilizada, é a Nova Almeida Atualizada (NAA, 2018). Sobre a opção feita em favor da expressão jardim do Éden e não jardim no Éden, ver nota abaixo⁹. Enfim, o artigo apresenta-se em três partes. Na primeira, uma breve apresentação de G. K. Beale: sua formação acadêmica, atuação profissional, interesses e obra, método, principais influências e lugar no mundo da erudição; na segunda, o tema de Beale em seus escritos: livros, artigos e palestras; e, na terceira parte, uma análise da abordagem de Beale ao tema jardim do Éden sob as categorias interpretativas de Vos.

G. K. BEALE

O norte-americano Gregory Kimball Beale (1949 –) ou simplesmente G. K. Beale, é um teólogo bíblico da continuidade teológica entre os dois

permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

⁸ Refere-se à “estrutura de conjecturas e pressuposições, associações e identificações, verdades e símbolos que são tomados como certos, quando um autor ou orador descreve o mundo e os eventos que ocorrem dentro dele” (Hamilton Jr., 2016, p. 14). Corresponde, na prática, ao ferramental do método histórico-gramatical.

⁹ A preposição *no*, em *jardim no Éden* (Gn 2.8, 10; 4.16), deve ser usada quando o tema da comunicação (escrita ou oral) estiver transmitindo a noção de lugar, local onde se situa o jardim; porém, quando esse tema estiver transmitindo a noção de local de pertencimento do jardim, o uso mais apropriado é a preposição *do*, isto é, *jardim do Éden* (Gn 2.15; 3.23-24).

testamentos, com formação ortodoxa. Natural do Texas, nos Estados Unidos da América, começou sua jornada acadêmica com formação em Humanidades pela *Universidade Metodista do Sul*, com especialização em Filosofia e História (1971), fez seu primeiro mestrado obtendo um M.A. (Master of Arts) pela mesma instituição (1976) e um Th.M. (Master of Theology) pelo Seminário Teológico Dallas (1976). Sua educação culminou com um Ph.D. (Doctor of Philosophy) em Estudos do Novo Testamento pela *Universidade de Cambridge* (1981), onde defendeu a tese *O uso de Daniel na Literatura Apocalíptica Judaica e na Revelação de São João*¹⁰.

Sobre sua atuação acadêmica, Beale foi professor nos Departamentos de Filosofia e Religião da *Faculdade da cidade de Grove* (1983-1984); professor no Departamento de Novo Testamento e coordenador do Programa de Mestrado em Teologia com ênfase em Teologia Bíblica, no Seminário Teológico *Gordon-Conwell* (1984-2000); titular da Cátedra de Estudos Bíblicos e professor de Novo Testamento, e coordenador do Programa de Mestrado em Exegese Bíblica na *Faculdade de pós-graduação de Wheaton* (1999-2010); titular da cátedra *J. Gresham Machen*¹¹ de Novo Testamento no *Seminário Teológico de Westminster*, na Pensilvânia (2010-2021); e, atualmente, atua como escritor e professor de Novo Testamento no *Seminário Teológico Reformado* (2021 –) (GK Beale, 2024).

Seus interesses estão, basicamente, em dois campos: hermenêutica e teologia bíblica. No campo da hermenêutica, seus trabalhos são sobre inerrância das Escrituras Sagradas, visão periférica cognitiva dos escritores bíblicos, uso do Antigo Testamento (por autores do Novo Testamento, exegese e interpretação de textos do Antigo Testamento no Novo, além de comentários específicos (livros de Colossenses, Filemon e Apocalipse) etc.; e, no campo da teologia bíblica, seus trabalhos incluem estudos sobre temas

¹⁰ Esse texto encontra-se listado no site GKBeale.

¹¹ J. Gresham Machen (1881-1937) foi o fundador do *Westminster Theological Seminary*, na Pensilvânia, no ano de 1929.

como união com Cristo, teologia bíblica da idolatria, teologia bíblica do mistério, teologia bíblica do Novo Testamento, teologia bíblica do templo como morada de Deus etc. É considerado um dos estudiosos do Novo Testamento mais influentes e prolíficos do mundo (Hamilton Jr., 2011; Westminster, 2024).

A obra de Beale é marcada por sua cosmovisão teológica e por seu método. Em *O templo e a missão da igreja* deixa clara a sua posição ortodoxa em relação à natureza do Antigo e do Novo Testamento ao pressupor a inspiração divina do texto bíblico. Isso o leva à conclusão de que “há unidade na Bíblia porque toda ela é Palavra de Deus”, estabelecendo assim a legitimidade da busca de temas comuns ao longo dos dois testamentos; isso ocorre em todos os seus títulos. Outro pressuposto é aquele segundo o qual “as intenções autorais divinas transmitidas por meio de autores humanos são acessíveis aos leitores contemporâneos” (Beale, 2021, p. 24; cf. Carson, 2001; Machen, 2017).

Seu texto deixa explícito de onde partiu e como desenvolveu seu estudo. Ele faz saber que esse livro, *O templo e a missão da igreja*, surgiu de um excuso de três páginas sobre Apocalipse 22.1-2 apresentado em seu comentário de Apocalipse¹² (Beale, 2021, p. 9, 23). Nesse excuso, intitulado *A extensão mundial da cidade-templo paraisíaca*, Beale (2013, p. 1109-1111) informa como chegou à conclusão de que os vv. 1 e 2 de Apocalipse 22 referem-se à cidade-templo mundial, que, por sua vez, é o templo da segunda criação.

Postula essa tese através de duas séries de argumentos: na primeira, ocupa-se em demonstrar a natureza abrangente da cidade-templo paraisíaca com os olhos voltados para a nova criação, desde a compreensão da antiga noção israelita de que o templo do Antigo Testamento era um modelo microcósmico de todo o céu e a terra; e, na

¹² Esse comentário foi lançado no Brasil, pela Cultura Cristã, sob o título *Brado de vitória* (2017).

segunda série argumentativa, em demonstrar que o jardim do Éden era o templo arquetípico no qual o primeiro homem adorava a Deus, desde o entendimento de que parece ter o autor do livro de Apocalipse ciência de uma interpretação cultural anterior do jardim do Éden que se expressou, inicialmente, nos altares informais e no tabernáculo e, posteriormente no templo de Israel, em Jesus Cristo e na igreja etc. (Beale, 2021; cf. Beale, 2013).

8

Para dar conta desta tese, Beale segue, em grande medida, Meredith G. Kline¹³ (1989); segue, também, Gordon J. Wenham¹⁴ (1994), Margareth Barker¹⁵ (1991) e Donald W. Parry¹⁶ (1994); e, em menor medida, Verns S. Poythress¹⁷ (1994) e Richard M. Davidson¹⁸ (2000). Esses e outros nomes importantes do mundo da pesquisa sobre o primeiro jardim e seu desenvolvimento ao longo das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos contribuem com a construção de seu pensamento sobre o tema.

Quanto ao método, do entendimento de que o livro é uma hermenêutica teológica, Beale (2024; cf. Jauss, 1994) segue a tradição de Geerhardus Vos (1862-1949) e, como já colocado, Meredith Kline (1922-2007); usa indícios e fontes variadas (Antigo Testamento, Antigo Oriente Próximo, Judaísmo, autores da antiguidade), e o faz dialogando com a erudição contemporânea que pesquisa na área (cf. parágrafo abaixo). Além disso, faz reflexões hermenêuticas sobre o “significado estendido” em relação à interpretação bíblica e sobre a relação teológica do templo do Antigo com o templo do Novo Testamento, assim como exegetiza os principais versículos

¹³ *Imagens of the Spirit* (2001, p. 31-32; 54-56); *Kingdom Prologue: Genesis Foundations for a Convenantal Worldview* (1989, p. 35-42).

¹⁴ *Genesis 1-15: Word Biblical Commentary* (1994).

¹⁵ *The Gate of Heaven: The History and Symbolism of the Temple in Jerusalem* (1991, p. p. 68-103).

¹⁶ *Garden of Eden: prototype sanctuary* (1994, p. 126-151).

¹⁷ *The shadow of Christ in the law of Moses* (1991, p. 19, 31, 35).

¹⁸ *Cosmic metanarrative for the coming millennium* (2000, p. 109-111).

relacionados ao tema. Enfim, constrói um texto definido por ele mesmo como uma “teologia bíblica do templo”.

Beale foi agraciado, em 2013, com a publicação de um *Festschrift*¹⁹, livro de celebração com 16 ensaios de renomados teólogos, em sua homenagem. Intitulado *From Creation to New Creation: Biblical Theology and Exegesis*, o livro foi editado por Daniel M. Gurtner e Benjamin L. Gladd, e ainda não foi publicado no Brasil.

9

Sobre suas publicações, escreveu Hamilton Jr. (2011, p. 58, tradução própria): “G. K. Beale é uma árvore de bálsamo. Bálsamo é um aroma perfumado da árvore que o produz, e dessas árvores sai uma óleo-resina que tem valor medicinal: bálsamo. G. K. Beale é uma árvore de bálsamo plantada por riachos de água viva, dando fruto na estação e fora dela, levando as pessoas ao bálsamo de Gileade!”

O JARDIM DO ÉDEN NA PRODUÇÃO DE G. K. BEALE

Beale (2018; 2019; 2021) tem explorado, mais que qualquer outro autor, a temática do jardim do Éden. Sua obra sobre o tema é constituída, especialmente, de um livro de autoria solo e de um de autoria em dupla, lançados em língua inglesa, ambos traduzidos posteriormente para a portuguesa. O primeiro deles, que carrega o tema deste artigo, traz o título *O templo e a missão da igreja: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus*, editado por Donald A. Carson, integrando a série *Novos estudos em teologia bíblica*. Este livro, germinal, foi lançado em língua inglesa, em 2004²⁰ e em língua portuguesa, em 2021, pela Editora Vida Nova.

¹⁹ O termo, emprestado do alemão, refere-se a um livro que homenageia uma pessoa respeitada, especialmente no mundo acadêmico, e isso é feito durante sua vida. Consta de uma homenagem desse teor a contribuição de vários autores (colegas, ex-alunos e amigos do homenageado) que é apresentada na forma de um volume editado.

²⁰ *The Temple and the Church's Mission: a biblical theology of the dwelling place of God* (2004), para a série *New Studies in Biblical Theology*, editado por Donald A. Carson e publicado por Apollos.

Carson (apud Beale, 2004, tradução própria), no prefácio da edição original, relaciona os pontos que justificam a credibilidade do livro afirmando que sua importância “[...] não está apenas no tratamento competente do tema escolhido, mas em três outras coisas: sua análise evocativa do tema do templo e suas relações com estruturas mais amplas de pensamento, incluindo o reino de Deus; sua modelagem da maneira como a teologia bíblica deve ser feita; e sua capacidade de fazer com que os leitores percebam coisas novas e maravilhosas nas Escrituras e se curvem em entusiasmo e gratidão” esses pontos não passam despercebidos na construção deste artigo.

E o segundo livro foi escrito em parceria com Mitchell Kim²¹ e traz o título *Deus mora entre nós: a expansão do Éden para os confins da terra*²². Foi lançado em língua inglesa, em 2014 e em portuguesa, em 2019, por Edições Loyola, antes mesmo da publicação da obra magna que lhe dera origem. Segundo o prefácio dos autores, o objetivo dessa escrita é “construir uma ponte ligando o mundo da teologia bíblica às necessidades da igreja” (Beale; Kim, 2019, p. IX), fechando assim o ciclo que começou com a interpretação do material bíblico, prosseguiu com a teorização em *O templo e a missão da igreja* e finaliza com a aplicação dos resultados nos púlpitos da igreja em *Deus mora entre nós*.

A tese básica de *Deus mora entre nós* é que, em “Gênesis 1-2, o Éden é a morada de Deus e Deus encarrega Adão e Eva de expandir os limites dessa morada para encher a terra (Gn 1.28)” e “Apocalipse 21-22 cumpre a missão [traz o cumprimento da missão] dada em Gênesis 1-2 [enchendo toda a terra da presença de Deus]”. Essa tese foi desenvolvida em uma série de “sete semanas de sermões feitos por Mitchell Kim [...] e, depois, condensada em um seminário apresentado em diferentes conferências”

²¹ Coreo-americano, Kim é Ph.D. (Doctor of Philosophy) pelo Wheaton College, onde também lecionou; e pastor sênior da Wellspring Alliance Church, em Chicago.

²² *God Dweells Among Us: Expanding Eden to the Ends of the Earth* (2014), publicado por InterVarsity Press.

com o objetivo de “construir uma ponte ligando o mundo da teologia bíblica às necessidades da igreja” (Beale; Kim, 2019, p. IX).

Além destes, o jardim do Éden aparece, também, no capítulo *A história do santuário do Éden, do templo de Israel, e de Cristo e a igreja como o templo escatológico do Espírito transformado continuamente no reino da nova criação*, da edição em língua portuguesa do livro de Beale (2018, p. 521-548), *Teologia Bíblica do Novo Testamento: a continuidade do Antigo Testamento no Novo*, lançado originalmente em 2011, em inglês.²³ Para alcançar o objetivo do capítulo, que é explorar o significado do templo na teologia do Novo Testamento, o autor retoma a ideia lançada, em caráter germinal, em *O templo e a missão da igreja* (2021), segundo a qual o templo consumado da última visão do livro de Apocalipse (21.1-22.5) faz alusão ao jardim do Éden do livro de Gênesis (2.8-3.24), como seu arquétipo.

Nesse capítulo o autor explora o significado do templo na teologia do Novo Testamento. Dentre os pontos da exploração encontra-se aquele segundo o qual a Bíblia retrata o jardim do Éden como o primeiro templo, o templo da primeira criação. Beale (2018, p. 523-528) oferece nove argumentos²⁴ para justificar essa afirmação, e o ponto de partida é exatamente a constatação de que “o Éden era o local em que Adão andava e conversava com Deus” e que “a mesma forma verbal hebraica (hitpael) empregada para declarar que Deus ‘andava pelo jardim’ (Gn 3.8) se refere à presença de Deus no tabernáculo (Lv 26.12; Dt 23.14 [23.15, TM]; 2 Sm 7.6-7; Ez 28.14)”;²⁵ essa interpretação é estendida para o templo e, então, para o cumprimento da intenção divina no Novo Testamento.

Há, também, artigos e palestras do autor publicados sobre o tema em revistas teológicas e instituições de ensino. Cita-se, dentre outros, Gardem

²³ *A New Testament biblical theology: the unfolding of the Old Testament in the New*, em 2011, por Baker Academic.

²⁴ Esses argumentos estão presentes, também, no artigo *Eden, the Temple, and the Church’s Mission in the New Creation* (2005).

²⁵ Nos demais argumentos o autor utiliza provas gramaticais, semânticas, literárias, históricas, culturais etc.

Temple (2003), que tem sua primeira publicação antes do lançamento do livro, e *Eden, the Temple, and the Church's Mission in the New Creation*, publicado no *Journal of the Evangelical Theological Society*, da *Evangelical Theological Society*²⁶ (2005).

Em *Eden, the Temple, and the Church's Mission in the New Creation*, o autor lida, a partir da continuidade hermenêutica entre os dois testamentos (Carson, 2001), com o uso do Antigo Testamento em Apocalipse 21.1-22.5 e, para embasar seu argumento, volta-se para o jardim do Éden como um templo, ou melhor, o primeiro templo na primeira criação. Para isso, utiliza os nove argumentos do capítulo *A história do santuário do Eden, do templo de Israel, e de Cristo...*²⁷ (2018).

Na palestra proferida no *Reformed Theological Seminary* (RTS), intitulada *The Garden of Eden as a Temple*, Beale (2016) segue o fluxo das ideias do livro e discute a compreensão paulina da igreja como um templo, à luz do contexto do Antigo Testamento e, mais uma vez, retoma a base de sua teologia do templo segundo a qual a jardim do Éden é um templo incipiente.

UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE O JARDIM DO ÉDEN EM O TEMPLO E A MISSÃO A IGREJA MEDIANTE AS CATEGORIAS DA AUTORREVELAÇÃO DE DEUS, DE GEERHARDUS VOS

O percurso interpretativo de Beale no livro em análise é orientado pela hermenêutica histórico-gramatical, que subsidia a teologia bíblica²⁸,

²⁶ A *Evangelical Theological Society* é uma sociedade acadêmica profissional de estudiosos bíblicos e teológicos, pastores e estudantes com sede em Scottsdale, Arizona; atualmente é presidida pelo renomado Craig Blomberg, autor cujos livros são bastante consumidos no Brasil.

²⁷ As evidências indicam que esse artigo foi publicado em 2005 e o livro o incorporou, em 2011.

²⁸ “Teologia bíblica é o ramo da teologia exegética que lida com o processo da autorrevelação de Deus registrada na Bíblia.” (Vos, 2010, p. 16).

procedimento metodológico da *teologia exegética*²⁹. Segundo Vos (2010, p. 15), a *teologia bíblica* é a disciplina cujo procedimento metodológico possibilita e instrui “o estudo da autorrevelação atual de Deus no tempo e no espaço que retrocede até o primeiro compromisso de escrita de qualquer documento bíblico, autorrevelação essa que, por longo tempo, continuou a acontecer com o registro escrito do material revelado.”

13

Antes de tudo cabe saber que *O templo e a missão da igreja* não traz a revelação sobre o jardim do Éden como seu tema central. Beale (2021, p. 23-24; cf. 66-80) insere-a em seu argumento geral como um tema específico que contribui como tese secundária para a defesa de sua tese central, formulada nos seguintes termos: “o tabernáculo e os templos do AT [Antigo Testamento] foram simbolicamente projetados para apontar para a realidade escatológica cósmica de que a presença de Deus, antigamente limitada ao Santo dos Santos, deveria se estender por toda a terra.”

Para confirmar esta tese, o autor examina as evidências a favor do simbolismo cósmico dos templos do Antigo Testamento e do Antigo Oriente Próximo, utiliza-se do pensamento judaico e, a partir daí, desenvolve sua tese secundária segundo a qual “o jardim do Éden foi o primeiro templo arquetípico, onde o primeiro homem adorava a Deus” (Beale, 2021, p. 24). O desenvolvimento dessa tese e de suas implicações pode ser visto da perspectiva do procedimento metodológico da *teologia bíblica*, o que será identificado nos parágrafos que se seguem.

Esse procedimento, quando especificado, constitui-se em categorias ou rubricas que “reúnem um grupo de elementos sob um título genérico,

²⁹ Segundo Vos (2010, p. 14-16), a *teologia exegética* é uma área da *teologia* que, dentre outras (*teologia exegética*, *teologia histórica*, *teologia sistemática* e *teologia prática*), ocupa a primazia; em sentido amplo, comprehende algumas disciplinas: *teologia* (estudo do conteúdo atual da Escritura), *introdução* (investigação da origem dos autores bíblicos incluindo a identidade dos escritores, o tempo e a ocasião da composição, dependência de possíveis fontes etc.), *canônica* (como os vários escritos foram coletados e reunidos na unidade de uma Bíblia) e *teologia bíblica* (estudo da autorrevelação de Deus no tempo e no espaço retrocedido até o primeiro compromisso de escrita etc.).

agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos" (Bardin, 1977, p. 117). Nesta análise serão utilizadas as categorias provenientes de Vos (2010, p. 16-20): a progressividade histórica do processo de revelação, a real incorporação da revelação na História, a natureza orgânica do processo histórico observável na revelação e a adaptabilidade prática da revelação ao ser humano.

Segue-se, portanto, uma descrição genérica da revelação sobre o jardim do Éden e, em seguida, a análise em questão. O processo de revelação sobre esse jardim começa nos escritos de Moisés em Gênesis, onde ocorre, exordialmente, em quatro cenas entrelaçadas dentro de um episódio maior da história da redenção relacionadas diretamente à Criação (Gn 1-3); é, portanto, uma autorrevelação divina. Beale (2021) ocupa-se em demonstrar como os elementos envolvidos nessas cenas reaparecerão com "significado estendido" em outros momentos da história registrada ao longo das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos por meio de paralelos conceituais e linguísticos.

Em 2.8-17 encontra-se o registro de sua criação em perspectiva histórica: seu plantio e quem o plantou, os elementos que o constituiram e como essa constituição se deu, a colocação do homem ali e o mandato divino relacionado a esse jardim e, finalmente, a vedação de um dos elementos do jardim ao homem e a consequência de uma possível desobediência. Os demais versículos do capítulo 2 (18-25) são ocupados com nomeação dos animais pelo homem, em sua função de vice-regente e com a criação da mulher por Deus, na complementação da criação do casal de vice-regentes da criação.

Em 3.1-6, o jardim torna-se o palco de um evento catastrófico em caráter seminal. A vedação de um de seus elementos, a árvore do conhecimento do bem e do mal, é rompida quando o homem desobedece a Deus e o faz ao dar ouvidos à serpente que adentrara o jardim do Éden. O

jardim do descanso e dos encontros reais com o Criador é olvidado em favor de outro tipo de experiência, percebida sensorialmente (“árvore boa para comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento”, v. 6).

A perícope seguinte (Gn 3.7-21) traz a consequência imediata da desobediência humana: a morte entra no mundo e isso é comunicado imediatamente ao casal ainda dentro do jardim, de forma que, a partir de então, todo o homem, em qualquer tempo, estará sujeito à morte espiritual, à física e à eterna. Assim, a separação entre o homem e Deus e entre os homens entre si, e todas as consequências decorrentes (morte e sofrimento), acompanharão toda a vida de cada humano que vier à existência.

E a última períope (Gn 3.22-24) com cena no jardim do Éden representa uma virada épica, pois Deus expulsa o homem de seu jardim para lavrar a terra visível de onde fora tirado, e coloca querubins e uma espada flamejante volvendo por todos os lados para guardar o caminho para a árvore da vida.

Segue-se à síntese das quatro cenas a análise em questão. Antes de tudo, Beale (2021, p. 66-80) apresenta os seguintes itens em que se estabelecem os paralelos entre o jardim do Éden e as futuras estruturas arquitetônicas do tabernáculo e do templo: o jardim como o lugar da presença de Deus, do primeiro sacerdote, dos primeiros querubins guardiões, do primeiro candelabro arbóreo; o jardim como elemento formador das imagens de jardim no templo de Israel; o Éden como a primeira fonte de água; o jardim como o lugar das pedras preciosas, da primeira montanha, da sabedoria, de uma estrutura sagrada tripartite; o jardim como o primeiro santuário na visão de Ezequiel. Além desses, traz os seguintes paralelos extra jardim e extra Bíblia: o conceito de templo do Antigo Oriente Próximo em associação com características semelhantes a jardins; e a visão do judaísmo primitivo sobre o jardim como o primeiro santuário.

Dois desses paralelos são o próprio jardim, como santuário incipiente onde o homem adorava a Deus e esse homem, como rei-sacerdote que, em igual incipiência, oferecia-lhe culto. Beale (2021), seguindo *insights* de Kline e Wenham, especialmente, argumenta que no jardim plantado por Deus, um santuário arquétipo onde sua presença era real, o homem foi colocado para adorá-lo. Essa afirmação é construída através da interpretação histórico-gramatical dos verbos cultivar e guardar (Gn 2.15) que significam, à luz de seu uso em outras partes do Antigo Testamento, servir em adoração. Além disso, argumenta, os sacerdotes que vieram posteriormente na história de Israel receberam funções de guardiões do templo (1 Cr 9.19ss; Ne 11.19) para mantê-lo fora de toda impureza (2 Cr 23.19) tal qual Adão as recebera. A conclusão, então, é que Adão era um vice-regente sacerdotal, um “sacerdote-rei” no jardim criado; um homem sem santuário e sem trono, enquanto expulso do jardim; porém, um homem que haveria de retomar tais funções no jardim escatológico visto por João em Apocalipse 21-22, quando a reunião desses ofícios for restabelecida (Zc 6.12-13) na nova criação.

A NATUREZA ORGÂNICA DO PROCESSO HISTÓRICO OBSERVÁVEL NA REVELAÇÃO

A primeira cena do episódio do jardim do Éden (2.8-17) é direta e exclusivamente uma atividade divina: Deus planta esse jardim colocando no solo toda árvore agradável à vista e boa para comida, bem como as árvores da vida e do conhecimento do bem e do mal. As atividades ali narradas trazem, como resultado, o que Beale (2021) chama de santuário microcósmico simbólico, o primeiro templo arquétipo e o modelo para todos os templos subsequentes.

Na linguagem da *teologia bíblica* (Vos, 2010, p. 25), nesse estado germinal observável, “o mínimo de conhecimento indispensável já estava presente”. Isso indica que a revelação, como atividade divina, estava em

andamento no primeiro santuário, um processo natural, orgânico, dessa revelação.

A PROGRESSIVIDADE HISTÓRICA DO PROCESSO DE REVELAÇÃO

Esse santuário seria desenvolvido, ao longo da história da redenção (Antigo e Novo Testamentos), até chegar ao último templo do fim dos tempos, a preencher todo o cosmo (Ap 21.1-22.5). Beale (2021) demonstra, no decorrer dos capítulos de seu livro, que esse arquétipo foi replicado em formato arquitetônico (altares informais, tabernáculo, templo) ao longo do Antigo Testamento (Gn 2-3, Ex 25, 1 Rs 6, Ez 40-48) e conclui que a visão de Apocalipse 21.1-22.5 se refere ao verdadeiro santuário/tabernáculo/templo da segunda criação, isto é, à “cidade santa, a nova Jerusalém”, “um novo céu e uma nova terra” que desce do céu na visão de João.

Vos (2010, p. 16-17) entende esse processo de revelação como progressividade histórica. No caso, vai do estágio germinal do santuário (jardim do Éden) em Gênesis (2.8-17) ao estágio final do templo, completo, suficiente, perfeito (novo céu e nova terra/nova Jerusalém) em Apocalipse (21.1-22.5).

A REAL INCORPORAÇÃO DA REVELAÇÃO NA HISTÓRIA

Os acontecimentos relacionados às ações humanas no primeiro santuário indicam que o processo revelatório de Deus em resposta à necessidade religiosa prática do homem é concomitante com a História e nela se encarnam a tal ponto que se pode dizer que os próprios fatos da História adquirem uma significação reveladora. Chama a atenção o fato de ter havido alternância, ao longo das quatro cenas do episódio do jardim entre uma palavra da parte de Deus (2.8-17), uma ação humana (3.1-6), uma nova palavra de Deus qualificada como interpretativa (3.7-21; 22-24),

padrão que se repete ao longo das Escrituras estendendo-se para temas maiores dentro da mesma história da redenção.

Vos (2010, p. 17-18) entende que há, no procedimento metodológico de Deus, palavra-revelação ao lado de ato-revelação e, posteriormente, palavra; e considera que a “tais atos-revelação nunca são totalmente permitidos falar por si mesmos: eles são precedidos e sucedidos pela palavra-revelação”. Isso significa que há uma real incorporação da revelação na História; isso acontece, também, no progresso da revelação identificado e interpretado, acima.

18

A ADAPTABILIDADE PRÁTICA DA REVELAÇÃO AO SER HUMANO

Acrescenta-se, também, que a revelação de Deus não é alienada do ser humano. Os acontecimentos revelatórios relacionados à atividade divina no primeiro santuário e nos que se lhe seguiram ao longo do Antigo Testamento como tipos (altares, tabernáculo e templos) e se definiram no Novo Testamento como seus antítipos (Jesus, Igreja e o último templo, na nova criação) correspondem, todos, à atividade de Deus em relação ao vice-regente da criação (cf. Gn 1-2), e isso em qualquer momento de sua existência, desde sua desobediência ainda no jardim de Deus, até sua vida alienada de Deus, fora do jardim, ou mesmo até sua vida em comunhão com Deus por meio de seu Filho, anunciado no mesmo jardim (Gn 3.15) (Beale, 2021).

Vos (2010, p. 20) lembra que a autorrevelação de Deus, com o fim de que ele fosse conhecido, isto é, de que o homem tivesse a realidade dele “interligada com sua experiência íntima de vida” fez com que sua autorrevelação acontecesse no seio da vida histórica de determinado povo, representando todos os povos. Essa adaptabilidade prática da revelação justifica-se no fato de que tudo “o que Deus desvendou de si mesmo foi em

resposta às necessidades religiosas práticas de seu povo à medida que essas emergiam no curso da História.”

Enfim, o tema jardim do Éden foi tratado, assim como o livro que o acolheu, na esfera da *teologia bíblica*. Isso foi feito mediante a observação do procedimento metodológico da autorrevelação divina no tempo e no espaço, que integra a História da Revelação Especial. Para isso, Beale (2021) retrocedeu até o primeiro registro sobre o jardim do Éden, apresentando-o como o santuário incipiente da primeira criação e seguiu seu rastro ao longo do Antigo Testamento na direção do último templo, na segunda criação.

19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo focou no tema jardim do Éden no livro de G. K. Beale (2021), *O templo e a missão da igreja*. Apresentou, inicialmente, uma visão geral do autor do livro, identificando-o como um metódico pesquisador de linha teológica conservadora, com considerável *status acadêmico* que expressou, de maneira clara, o desenvolvimento metodológico de sua pesquisa expressa no texto.

Trouxe, em seguida, suas principais áreas de interesse: a hermenêutica, com temas mais conhecidos como a inerrância das Escrituras, ou mais avançados como a visão periférica cognitiva dos escritores bíblicos; e a teologia bíblica, como as teologias bíblicas da idolatria, do mistério, do Novo Testamento, do templo como morada de Deus etc.

A análise de conteúdo foi precedida de uma apresentação da *teologia bíblica* como a disciplina da perspectiva interpretativa dos autores bíblicos, a qual forneceu as categorias para a análise em questão visando identificar como o teólogo bíblico lidou com a autorrevelação de Deus sobre o jardim do Éden. Desses pontos, o artigo demonstrou que Beale (2021) fez emergir das páginas das Escrituras o tema jardim do Éden na perspectiva interpretativa da revelação bíblica; que, para isso, utilizou-se do

procedimento metodológico próprio da autorrevelação divina identificando, a partir do estado germinal observável da revelação, o jardim do Éden como santuário.

Identificou, também, os demais procedimentos metodológicos da autorrevelação de Deus: a progressividade histórica do processo de revelação, relacionando os elementos encontrados na unidade temática com seus respectivos desenvolvimentos conceituais e estruturais, tais como a presença real de Deus no jardim ou a presença do sacerdote na pessoa de Adão etc.; a real incorporação da revelação na História, demonstrando o padrão revelatório palavra-ação, ação-palavra e palavra-interpretação na narrativa do jardim; e, finalmente, a adaptabilidade prática da revelação ao ser humano, demonstrando que isso se deu no seio da humanidade nascente.

20

Enfim, *O templo e a missão da igreja* (2021) foi escrito na esfera da teologia bíblica observando o procedimento metodológico da autorrevelação divina no tempo e no espaço, e integrando a História da Revelação Especial. Para isso, o autor retrocedeu até o primeiro registro sobre o jardim do Éden, apresentando-o como o santuário incipiente da primeira criação e seguiu seu rastro ao longo do Antigo Testamento na direção do último templo, na segunda criação.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEALE, Gregory K. A história do jardim do Éden, do templo de Israel, e de Cristo e a igreja como templo escatológico do Espírito transformado continuamente no reino da nova criação. In: BEALE, Gregory K. **Teologia bíblica do Novo Testamento**: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 521-548.
- BEALE, Gregory K.; KIM, Mitchell. **Deus mora entre nós**: a expansão do Éden para os confins da terra. São Paulo: Loyola, 2019.

BEALE, Gregory K. *Eden, the Temple, and the Church's Mission in the New Creation*. **JETS**, Chicago, IL. v. 48, n. 1, p. 5-31, mar. 2005. Disponível em: <<https://etsjets.org/jets48/>>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BEALE, Gregory K. **O templo e a missão da igreja**: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2021.

BEALE, Gregory K. **The book of Revelation**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 2013. Séries: New international Greek Testament commentary.

21

BEALE, Gregory K. *The Garden of Eden as a Temple*. **RTS**, Jackson, MS. 23 mar. 2016. Disponível em: <https://rts-edu.translate.goog/resources/the-garden-of-eden-as-a-temple/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>. Acesso em: 15 dez. 2024.

BEALE, Gregory K. **The temple and the Church's Mission**: a biblical theology of the dwelling place of God. Nottingham, Reino Unido: Apollos, 2004.

BEALE, Gregory K.; KIM, Mitchell. **God Dwells Among Us**: Expanding Eden to the Ends of the Earth. Westmont, IL: InterVarsity Press, 2014.

BEALE, Gregory K. *Garden Temple*. **Kerux**, Lynnwood, WA, v. 18, n. 2, set. 2003. Disponível em: <<https://kerux.com/doc/1802A1.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BEEKE, Joel. O mundo que deus preparou para o homem. **Ministério Fiel**, São Paulo. 22 jun. 2009. Disponível em: <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-mundo-que-deus-preparou-para-o-homem/>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CARSON, Donald A. **Teologia bíblica ou teologia sistemática**: unidade e diversidade no Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CEIA, Carlos. Estilo. **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa, 30 dez. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/estilo>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

COELHO, Lázara Divina. **Aplicação do Método Histórico-Gramatical em Lucas 4,16-21**. 2021. 178 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2021. 178 f.

GK Beale. Biografia. Disponível em: **GK Beale**, Dallas, TX, 2024. Disponível em: <<https://www.gkbeale.com/about>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

COSTA, Márcia Hálila Mocci da. A Estética da Recepção e Teoria do Efeito. **SEED/PR**, Curitiba, 26 mar. 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787>. Acesso em: 28 dez. 2024.

CRISP, Oliver D. Review: The Temple and the Church's Mission, a Biblical Theology of the Dwelling Place of God. **Themelios**, Reino Unido. v. 31, ed. 1, out. 2005. Disponível em: <<https://l1nq.com/KasJs>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

22

EIKHENBAUM, Boris; et alii. **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1976.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jauss e a estética da recepção. **Letras**, Curitiba, n. 37, p. 265-285, 1988.

GAMARTZ, Diogo Mateus. A invenção da saudade. **Recanto das Letras**, Sorocaba, 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/6892229>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GREGORY K. BEALE. Gregory K. Beale. **Westminster Theological Seminary**, Londres. 7 jul. 2024. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140209115337/http://wts.edu/faculty/profiles/gbeale.html>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

HAMILTON JR., James M. Appreciation, Agreement, and a Few Minor Quibbles: A Response to G. K. Beale. **Midwestern Journal of Theology**, Kansas City. v. 10, nº. 1, p. 58-70, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/30771221/Appreciation_Agreement_and_a_Few_Minor_Quibbles_A_Response_to_G_K_Beale>. Acesso em: 10 nov. 2024.

HAMILTON, James M. **O que é Teologia Bíblica?** São Paulo: Fiel, 2016.

HASEL, Gerhard F. **Teologia do Antigo Testamento**: questões fundamentais no debate atual. 2ª. Ed. Rio: JUERP, 1992.

HOEKEMA, Anthony A. **Criados à imagem de Deus**. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

JAUSS, Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 2010.

JAUSS, Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. Literariedade. **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa, 30 dez. 2009. Disponível em: < <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literariedade> >. Acesso em: 10 nov. 2024.

23

MACHEN, J. Gresham. **Is The Bible Inspired?** Radio Addresses on the Origin of Scripture. Philadelphia: Westminster Seminary Press, 2017.

SPENCER, Robinson. Book Review: The Temple and the Church's Mission (NSBT), G. K. Beale. **Spoiledmilks**, Noruega. 17 nov. 2014. Disponível em: < <https://spoiledmilks.com/2014/11/17/review-temple-churchs-mission-nsbt-beale/> >. Acesso em: 15 dez. 2024.

STRANGE, Daniel. Review. GAFFIN Jr., Ricahrd B. (ed.). Redemptive history and biblical interpretation: the shorter writings of Geerhardus Vos. **Themelios**, v. 28, ed. 1. abr. 2003. Disponível em: < <https://l1nq.com/KasJs> >. Acesso em: 10 dez. 2024.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte & Letra, 2023.

TOLKIEN, John Ronald Reuel (CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher, eds.). **The Letters of J. R. R. Tolken**. Boston: Houghton Mifflin, 2000.

VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e consumação**: o reino, a aliança e o mediador. São Paulo: Cultura Cristã: 2002. v. 1.